

MIGRANTES CLIMÁTICOS: DA INVISIBILIDADE À NECESSÁRIA PROTEÇÃO

Subida dos Oceanos, cheias, secas, degradação dos solos, incêndios...os fenómenos climáticos extremos causados pelo aquecimento do planeta estão a gerar uma nova vaga de migrantes climáticos que precisam de proteção.

“Hoje, a seca piorou, porque chove menos e o solo está a ficar seco. (Sarah – Área rural). Para os pastores, a falta de água representa um grave problema, devido ao facto de eles não conseguirem manter o seu gado. Por causa da seca na nossa zona, os animais deslocam-se de um lugar para outro à procura de pastagens e água, e alguns dos nossos animais morreram por não haver chuva na nossa zona” (Safia Maicha – Diário Climático).

“As alterações climáticas estão relacionadas com a insegurança alimentar, falta de rendimentos e fome do gado, por causa das secas” (Abuya, mulher, área rural)

O **Quénia** é considerado um país altamente vulnerável aos impactos das alterações climáticas e uma forte tendência de migração rural-urbana deve-se a vários fatores, incluindo conflitos internos e desastres naturais. Em particular, secas e inundações estão a causar deslocamentos, especialmente entre os pastores que sofrem com a perda frequente de gado e o acesso limitado à terra, aos recursos e mercados. O uso de despejos para realizar projetos de desenvolvimento e de proteção ambiental também contribuíram para as deslocamentos, expulsando as pessoas de terras privadas, públicas ou comunitárias, tanto em áreas urbanas como selvagens. Embora o Quénia seja considerado um país de rendimento médio-baixo, os principais desafios continuam a ser a desigualdade e os níveis de pobreza do país, que aumentou a sua vulnerabilidade económica a choques. Isso pode também levar as pessoas a migrar internamente ou para fora das fronteiras do Quénia em direção aos Estados vizinhos ou à Europa.

O mesmo cenário desolador de vidas em suspenso por causa das alterações climáticas foram também estudados no **Guatemala**, no **Senegal** e no **Camboja** onde milhares de pessoas na procura de melhores condições de vida migram e dão início da uma jornada desconhecida, perigosa e pouco apoiada, uma vez que o Direito Internacional ainda não reconhece formalmente a figura do **migrante climático**.

Nos últimos 20 anos que a comunidade internacional começou a reconhecer lentamente as **ligações** e implicações mais amplas que um **clima** e **ambiente** em mudança têm na **mobilidade humana** (Laczko e Aghazarm, 2009). Mais recentemente, surgiram narrativas cada vez mais alarmistas de “migrantes climáticos” como uma ameaça invasora, movendo-se em grande número do Sul Global para o Norte Global, apesar do facto de a grande maioria dos movimentos serem internos, ou para países vizinhos. Existe também um entendimento crescente de que algumas das pessoas mais vulneráveis à crise climática são, e serão, incapazes de se deslocar, uma vez que a mobilidade também depende do capital social e económico. Uma vez mais, estas mensagens mais subtis perdem-se muitas vezes nos discursos dos média, e os números são usados indevidamente para exacerbar as narrativas do medo (Boas et al., 2019; Durand-Delacre et al., 2021; Lietaer e Durand-Delacre, 2021). Como sublinham Baldwin e Bettini, as próprias alterações climáticas são frequentemente retratadas como “uma crise migratória em formação” (2017, p. 1). Existem estudos críticos importantes sobre o nexo entre a crise climática e as migrações (Geddes et al., 2012; Baldwin, 2013; Bettini, 2013; Boas et al., 2019; Durand-Delacre et al., 2021) e os académicos demonstraram que “classificar os migrantes climáticos como diferenciáveis dos migrantes não climáticos não é empiricamente possível” (Boas et al. 2019, p. 902). Não existe uma ligação direta e, para muitas pessoas, a migração pode ser um processo contínuo, em vez de uma decisão e ação única, e os fatores que influenciam a tomada de decisões sobre migrações são complexos e numerosos (Kelman, 2020). Por enquanto, não existem estudos empíricos suficientes nem modelos robustos para estabelecer um conjunto de causalidades inquestionáveis entre as alterações climáticas e as migrações (Boas et al., 2019; Renou e Diallo, 2019; Durand-Delacre et al., 2021). No entanto, é evidente que os impactos da crise climática estão a agravar-se e a tornar a vida e os meios de subsistência de muitos povos cada vez mais insustentáveis. No seu relatório mais recente, o Painel

Intergovernamental sobre Alterações Climáticas (IPCC) (2021) conclui que a atividade humana está a alterar o clima de formas sem precedentes, e às vezes irreversíveis. Definido como um “código de alerta para a humanidade” pelo Secretário-Geral da ONU, António Guterres, o relatório alerta para ondas de calor, secas e inundações cada vez mais extremas, e a ultrapassagem de um limite de temperatura decisivo em pouco mais de uma década.

Mas quem é o migrante climático? E como podemos discutir o nexa entre crise climática e migração de uma forma produtiva e benéfica para aqueles cujas vidas e meios de subsistência estão em maior risco com a crise climática? Estas são algumas das questões que este relatório aborda e que têm sido o foco de muito debate ao longo da campanha #ClimateOfChange, no âmbito da qual este relatório é elaborado.

Questões que, como tudo o que está relacionado com migrações, têm uma natureza profundamente política. Para tentar responder-lhes, recorreremos a estudos empíricos de quatro países: Camboja, Guatemala, Quênia e Senegal. O estudo foi conduzido pela equipa interdisciplinar de investigadores sediada na Universidade de Bolonha, a partir de sistemas sociológicos, agrícolas e alimentares combinados, perspetivas humanas, geográficas e jurídicas, juntamente com organizações parceiras no terreno, onde não tenha sido possível visitar os países do estudo de caso devido à pandemia de COVID-19.

O [sumário executivo](#), que hoje lançamos, e o relatório final que será divulgado em julho, baseiam-se nas **perceções e realidades vividas por pessoas vulneráveis face ao clima nos quatro países dos estudos de caso**, com o objetivo de centralizar os seus pontos de vista. Nestes países, para as pessoas sobre as quais este relatório se debruça, a crise climática não é uma ameaça futura, como para muitos países da Europa (embora mesmo aqui os incêndios florestais, secas e a erosão costeira ocorram cada vez mais). **Para as pessoas deste relatório, a crise climática é uma realidade do aqui e agora, que exige atenção e respostas políticas neste momento.**

A [campanha europeia #ClimateofChange](#), implementada em Portugal pelo IMVF, financiada pela União Europeia e apoiada pelo Camões – Instituto da Cooperação e da Língua, foca-se na dimensão humana das alterações climáticas, em especial no papel das alterações climáticas na condução das tendências migratórias atuais e futuras.

Para mais informações:

- <https://climateofchange.info/portugal/>
- <https://www.imvf.org/project/campanha-climate-of-change/>

**Para entrevistas e mais informações sobre o projeto, por favor contactar:
Diana Alves – 933 988 028 | dalves@imvf.org**

[#ClimateOfChange](#) é a campanha de sensibilização pan-europeia liderada pela ONG italiana WeWorld e cofinanciada pela Comissão Europeia, no âmbito do [Programa DEAR](#). Um programa que visa desenvolver a consciência dos jovens cidadãos da UE sobre a ligação entre as alterações climáticas e a migração e envolvê-los na criação de um movimento ativo para mudar o seu estilo de vida e apoiar a justiça climática global. Desde 2020, 16 organizações europeias investigam, organizam debates em escolas e universidades, e promovem a campanha de comunicação e sensibilização #ClimateOfChange dirigida a milhões de jovens entre os 15 e os 35 anos de idade de 23 Estados-Membros da UE.